

## CARTOGRAFAR VISUALIDADES E BRICOLAMENTOS AFETIVOS: POSSIBILIDADES PARA PENSAR A DOCÊNCIA EM ARTES VISUAIS

Aline Nunes da Rosa - UFG

Alice Fátima Martins - UFG

### Resumo

Este artigo pretende discutir algumas das questões levantadas na pesquisa de doutorado intitulada “Cartografias para pensar visualidades e bricolamentos afetivos” vinculada ao programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual, da FAV/UFG. Pensando a formação docente enquanto um processo de bricolamentos, realizados mediante a incidência de fatores de afetivação, a investigação objetiva (re)conhecer as visualidades que agenciam tais processos e nos atravessam, no intuito de cartografar esta experiência de bricolamentos afetivos. As elaborações teóricas deste trabalho são realizadas a partir de Martins (2008) e Tavin (2009), no que diz respeito às visualidades; Kincheloe e Berry (2007), no tocante ao conceito de bricolagem e Rolnik (2006) para pensar o conceito de cartografia.

**Palavras chave:** visualidades; bricolamentos afetivos; cartografia; formação de professores.

### Abstract

*The present paper discusses some of the issues proposed in the survey titled "Cartographies to think visually and affective bricolage" linked to the Graduation Program in Art and Visual Culture, the AVF / UFG. Thinking teacher education as a Bricolage process achieved by the incidence of affective factors, the research objective is to (re)learn the visualities that promote these processes and cross ourselves in order to map this affective bricolage experience. The theories developed in this work are Martin (2008) and Tavin's (2009), with respect to visualities; Kincheloe and Berry's (2007), regarding the concept of bricolage and Rolnik's (2006) to consider the concept of cartography.*

**Keywords:** *visualities; affective bricolage, cartography, teachers' training.*

### Vou lhe falar. Do que não sei. Ninguém ainda não sabe<sup>1</sup>

É difícil falarmos daquilo que desconhecemos, igualmente difícil falar do que temos como mais corriqueiro em nossas vidas, isto é, nossas histórias, nossos gostos, nossos cheiros, enfim, nossos afetos. Por isso, posso dizer, vou falar aqui do que não sei, ou do que ainda não sei.

Talvez seja esta a grande relevância de se fazer pesquisa: falar sobre coisas que ainda não sabemos ou que talvez nem venhamos a saber. Mas para isto, existe a necessidade da imersão, do mergulho, do adentramento, do risco. Parafraseando

a canção “Por que você faz cinema?”, de Adriana Calcanhotto, poderia responder à pergunta: ‘por que você faz pesquisa?’ com a própria canção: “para viver à beira do abismo, para correr o risco (...) para ver e mostrar o nunca visto (...)”, enfim para estabelecer um diálogo com meus próprios enfrentamentos, com o que me inquieta e mobiliza frente ao que (a mim) se mostra estranho e desconexo.

As inquietações que trago para serem compartilhadas neste seminário são oriundas da pesquisa atualmente desenvolvida no Curso de Doutorado do Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual (FAV/UFG) no qual ingressei neste ano de 2011. Por sua vez a pesquisa em questão, intitulada “Cartografias para pensar visualidades e bricolamentos afetivos”, é fruto dos desdobramentos resultantes da dissertação de mestrado<sup>2</sup> que realizei no Programa de Pós Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, entre os anos de 2008 e 2010. Destarte a necessidade de dar prosseguimento a alguns aspectos e conceitos abordados durante a dissertação acabaram por conduzir e configurar os atuais interesses de investigação, sobretudo por entender a pesquisa de mestrado como uma possibilidade primeira de articular certas ideias, teorias e especialmente de refletir acerca dos papéis da visualidade na formação inicial em artes visuais.

Neste sentido penso a pertinência desta investigação no que diz respeito a refletir sobre os lugares ocupados pelas visualidades (imagens oriundas de diferentes referenciais e repertórios) dentro dos processos de constituir-se professor, entendendo-o enquanto algo que se faz subjetivamente, perfazendo e demarcando um percurso que se desenha sob a forma de uma cartografia bricolada por visualidades afetivas.

Ao longo da pesquisa de mestrado centrei-me em buscar conhecer como um grupo de professores em formação inicial se relacionava com narrativas fílmicas, sobretudo buscando conhecer que sentidos eram produzidos para além dos filmes vistos por cada um destes professores, bem como perceber como tais narrativas afetavam e se entrecruzavam nos modos com que se construíam docentes do campo das artes visuais. Contudo, no decurso deste processo fui interrogando-me igualmente a respeito do que as narrativas fílmicas provocavam em mim, ou seja, passei a me interessar e a questionar-me sobre a razão da preferência por tais imagens, por estas narrativas em detrimento de tantas outras. Enfim, a partir do

trabalho com os professores colaboradores deu-se em mim um processo inverso: de auto-(re)conhecimento a partir do que me fora dito por cada um daqueles professores, por meio do que fui ouvindo, aprendendo, descobrindo e produzindo com aquele grupo, ficando cada vez mais latente o desejo de conhecer em mim de que modos e em que medida as narrativas fílmicas operavam na construção de minha subjetividade, reverberando em minha atuação docente.

Neste viés, ao tentar organizar possíveis questões de pesquisa, percebi que o interesse pelas narrativas fílmicas estava indissociavelmente ligado a outras visualidades, ao passo que, por sua vez, as narrativas fílmicas se articulam a outras narrativas, outras imagens, outras histórias experienciadas, inventadas, bricoladas. Assim venho sendo encharcada por questionamentos e desejante de possíveis 'respostas' acerca dos modos com que estas e muitas outras visualidades operam em nossa subjetividade e acabam por adentrar-nos, por atravessar as formas com que vamo-nos constituindo e repercutindo inevitavelmente em nossas escolhas e perspectivas de pesquisa e atuação profissional.

Deste modo, proponho-me ao longo do texto a discorrer sobre os três eixos investigados neste trabalho: as **visualidades** que se inscrevem enquanto fatores de afetivação; os **bricolamentos** realizados a partir destas visualidades, e que se fazem de modo processual; a **cartografia** como possibilidade de desenhar e compreender os bricolamentos afetivos produzidos ao longo de nossos percursos vivenciais.

### **Para dar corpo a bricolagens e cartografias**

As questões metodológicas levantadas nesta investigação, bem como as demais, decorrem da experiência anterior de pesquisa, isto é, são tomadas neste estudo como um aprofundamento ou como uma possibilidade de ampliar os modos de enxergar e pensar duas perspectivas metodológicas bastante pertinentes ao campo dos estudos da cultura visual: a investigação baseada nas artes e a bricolagem.

A bricolagem é tomada como perspectiva metodológica, uma vez que esta abordagem caracteriza-se pela possibilidade de diálogo e articulação com outras metodologias de pesquisa. A própria conceituação desta abordagem (JOE

KINCHELOE & KATHLEEN BERRY, 2007) define-a como algo multilógico, que se baseia na complexidade, onde o conhecimento produzido por ela ou sobre ela não pode ser dado como acabado, ou como verdade encerrada em si. Pode ser entendida ainda como um termo que congrega em si características de algo que se faz de modo inventivo, tal qual o sentido de sua origem francesa que designa o *bricoleur* enquanto um “faz-tudo, que lança mão das ferramentas disponíveis para realizar uma tarefa” (KINCHELOE & BERRY, 2007: 15).

Pensando a investigação como uma cartografia feita mediante o acontecimento de bricolamentos afetivos, considero pertinente a interlocução com a Investigação Baseada nas Artes (também conhecida por IBA ou ABR - Arts Based Research), uma vez que esta propõe um alargamento dos métodos de pesquisa, tornando válida a inserção de meios e formas distintas e performativas de responder e colocar em cena as experiências e problemáticas presentes em um processo investigativo.

Acredito que tanto a perspectiva metodológica da IBA, quanto a abordagem proposta pela bricolagem apresentam-se como possibilidades em potencial para a realização deste estudo, dado o fato de que este busca relacionar aspectos pessoais, imagéticos, subjetivos à produção de sentidos e de novos relatos, na direção de inventar outros modos de habitar, de desenhar-se e pensar não somente a formação docente como também a pesquisa, como algo que pode ser feito de modo rizomático, relacional e imbricado às diferentes situações de vivência.

Os autores Connelly e Clandinin (*apud* Hernández, 2008) definem como uma das características da IBA a ideia do pesquisador como alguém que está dentro, imerso, que conta histórias e não só as recolhe, que se mostra como um personagem vulnerável e necessariamente em crise. Desta posição, o que se quer com a pesquisa narrativa não é estritamente conhecimento, mas um texto, um relato que alguém lê, e é precisamente aí que reside um novo nível de relação fundamental: contar uma história que permita aos outros contarem a sua. Assim, o objetivo não seria capturar ‘a’ realidade, mas produzir novos relatos.

### **Sobre imagens que enchem tudo e vivem enquanto falo<sup>3</sup>**

Refletir acerca do lugar que as imagens ocupam em nossas vidas e os posicionamentos que assumimos frente a elas, vem sendo um dos principais focos da cultura visual, campo recente que busca investigar os modos com que o visual opera em nós, analisando “as relações existentes entre sociedades, indivíduos e imagens” (TAVIN, 2009:225). Assim, deslocamos a centralidade do significado inferido pelo autor/produtor da imagem (no caso da produção artística), ou por quem promoveu sua criação, em busca de conhecer também que sentidos são produzidos por aqueles que entram em contato com elas, objetivando refletir as produções (imagéticas, subjetivas, cognitivas...) que insurgem a partir e em co-relação com as imagens.

Neste sentido pensamos a visualidade como o processo socialmente construído da visão (TAVIN, 2009), isto é, não como sinônimo de imagem, mas como um processo que se faz por meio desta, articulada e mediada cultural e socialmente. A visualidade define-se então, conforme Martins (2008: 5) como um importante elemento na constituição de identidades e subjetividades e especialmente, como um elemento influente, “que pode operar mudanças e transformações plasmando modos de ver, sentir e pensar”.

Para tanto, lanço-me ao desafio de conhecer e/ou reconhecer as visualidades pelas quais sou constituída, numa tentativa de compreender como atuam e interferem em minha formação profissional, minhas visões de mundo e, sobretudo, refletir sobre como tais visualidades estão sendo bricoladas<sup>4</sup>, construindo de certa forma um amálgama de sentidos em mim.

No intuito de entender como se configuram os processos de afetivação, pelos quais somos invadidos/atravessados pelas imagens, dialogo com Rolnik (2006: 39) que lança uma espécie de provocação/convite ao nos falar sobre a importância de descobrirmos ou encontrarmos nossos afetos, a fim de dar a eles vazão, passagem. Então ela diz

(...) Você próprio é que terá de encontrar algo que desperte seu corpo vibrátil, algo que funcione como uma espécie de fator de a(fe)tivação em sua existência. Pode ser um passeio solitário, um poema, uma música, um filme, um cheiro ou um gosto (...) Enfim, você é quem sabe o que lhe

permite habitar o ilocalizável (...) é imprescindível que você encontre o seu próprio fator de a(fe)tivação. (ROLNIK, 2006: 39)

Assim para adentrar este processo de (re)construções proponho a interlocução com outros pares, outros docentes em formação, considerando o que diz Sílvio Gallo (s/d:01) sobre a educação ser um encontro de singularidades e que, para educar e ser educado é necessário que haja duas singularidades ao menos. A educação é sempre um empreendimento coletivo e, neste sentido pondero também a respeito do conhecimento de si, acreditando que este se dá na medida em que dialogo, experencio e confronto formas diferenciadas de pensar e estar junto a outras pessoas, outros grupos.

Destarte, para a pesquisa atual, amplio a problemática acerca da reflexão sobre as visualidades que nos atravessam, ou seja, busco pensar outros tipos de imagens (não apenas as oriundas das narrativas fílmicas, mas também elas) que, de modo rizomático acabam por configurar nossos afetos. Proponho a produção de uma cartografia, realizada a partir destes atravessamentos, na tentativa de inscrever e (re)conhecer os bricolamentos que se dão em minha trajetória acadêmica, docente, pessoal. Deste modo procuro conhecer e produzir outras narrativas acerca da docência ao investigar minhas próprias experiências e também as de outros professores de artes visuais.

Num movimento de tentar “pensar/agir de modo a transformar nossa paisagem subjetiva e objetiva” (ROLNIK, 2006:13), creio que as imagens acabam por instaurar-se e acoplar-se junto a estas mobilizações, provocando agenciamentos nos modos de ver e estar no mundo, atuando como dispositivos e instaurando-se como forças moventes. Martins (2007: 28-29) destaca que as visualidades “funcionam como membranas que se desprendem de coisas, de matérias, objetos e estruturas e, ao penetrarem na mente, criam pegadas simbólicas”, assim, acabam por corporificar as bricolagens de nossas vidas, e creio que, neste ato de cartografar tais bricolamentos promove-se, ou nós promovemos, uma retroalimentação, enquanto possibilidade de invenção de novas políticas de subjetivação, ou de invenção de novos possíveis.

Novamente em consonância com o pensamento de Rolnik (2006: 23), entendo a cartografia como um desenho que “acompanha e se faz ao mesmo tempo

que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos”. Sendo assim ao cartógrafo cabe primeiramente descobrir e capturar o que se constitui como afeto dentro dos modos de subjetivação. Em consequência disto, a pesquisa se faz neste movimento de (re)conhecer os fatores de afetivação que se bricolam ao longo de nossas relações e vivências e que, para tanto necessitam ser cartografados, como forma de serem percebidos e por que não dizer, concretizados.

Por meio do ato de pensar, lembrar fatos e selecionar os elementos que são bricolados cotidianamente em nossas histórias tem-se uma possibilidade estranha e inesperada, mas também prazerosa de escuta, promovida pela concessão de um tempo e de um direcionamento para questões intimistas e de cunho particular, algo difícil nos dias atuais, como bem já dissera Jorge Larrosa (2004) em seu conhecido texto sobre experiência. É ainda tão raro e, por isso mesmo difícil, o ato de pensar sobre si, de mapear-se, de entender-se. Por vezes é como se fôssemos estrangeiros de nós mesmos.

Martins e Tourinho (2009) problematizam a experiência visual inferindo que ela

funciona como um cosmos imagético que envolve e/ou assedia as pessoas sugerindo ou gerando links com repertórios individuais. Os repertórios individuais envolvem imagens de infância, de família, de amores, conflitos, acasos, azares e dissabores. São imagens associadas a momentos/episódios marcantes na trajetória dos indivíduos que, por várias razões, são preservadas por eles para se protegerem e lembrarem das emoções que essas imagens acionam. Os repertórios individuais incluem, também, imagens guardadas com afeto e com as quais as pessoas se reservam o direito de reviver as emoções que elas suscitam particularmente em momentos e celebrações especiais. (2009: 6-7)

Passo então a estabelecer um processo de trabalhar com os escombros de histórias passadas e histórias presentes, enxergando-os como fatores influentes na projeção atual de minha atuação como professora, que provocam (re)incidências, escolhas. Dou-lhes, portanto, novos contornos ao reconhecer as visualidades incrustadas em minhas histórias, configuradas sob a forma de um bricolamento afetivo.



Fig. 1 - *Bricolagem afetiva*. Acervo pessoal

Segundo Tavin (2009) com frequência o objeto de investigação e a metodologia dos projetos realizados pelos estudiosos interessados no campo da cultura visual são delimitados por questões recorrentes na vida cotidiana. Assim,

o conceito de vida cotidiana é importante, pois é por meio do conjunto, aparentemente infinito de imagens visuais com que nos deparamos diariamente (grande parte delas por meio da mídia de massa) que significados e identidades são criados e contestados.(p.226)

Este enfoque conferido pela cultura visual às questões cotidianas de certa forma autoriza-nos também enquanto pesquisadores a dedicar e voltar nosso olhar para aquilo que aparentemente é irrelevante, corriqueiro e desprovido de interesse científico. Assim, os estudos acerca da bricolagem encontram ressonância nos estudos sobre cultura visual no que diz respeito à flexibilidade quanto à escolha e/ou definição de um tema a ser investigado. Ambos consideram que o mais relevante não é o elemento/objeto a ser estudado, mas as relações de complexidade que ele (elemento/objeto) congrega e que o pesquisador constrói ao interpretá-lo e dar-lhe significado. Significado este que não pode ser encarado como algo fixo ou pertencente a alguém, mas sim como algo negociável e cambiante (HERNÁNDEZ, 2008a) de acordo com o contexto em que é problematizado.

É necessário então discutir esta formação docente que se faz enquanto um processo de bricolamentos. O termo bricolagem, extensamente discutido e



empregado no campo da antropologia social, desde Lévi Strauss (1970), na obra *O pensamento selvagem*, ganha outros sentidos ao ser ampliado e agregado a outros campos de conhecimento. No caso específico desta pesquisa, o termo ganha uma acepção que está referida nas concepções de Kincheloe e Berry (2007) e de Denzin e Lincoln (2006). Muito embora as contribuições trazidas por estes autores dirijam-se essencialmente a questões de cunho metodológico, com o passar do tempo destinado à pesquisa de mestrado, paulatinamente fui percebendo e associando as características da bricolagem aos processos vivenciados pelos professores em formação inicial, sobretudo no campo das artes visuais (dado meu interesse e formação nesta área).

Para tanto, a bricolagem pode ser entendida como algo que se constitui de maneira fragmentada, a partir de objetos, elementos e situações imprevistas, impensadas, achadas, e que podem ser organizadas e dispostas sem uma ordem anterior, fazendo-se em grande parte ao acaso, contudo sempre imbuída de objetivos. Proponho então uma reflexão sobre um professor *bricolador* que, sob a forma de uma cartografia cambiante desenha a si e a seu(s) trajeto(s) a partir das características mencionadas anteriormente, performando-se como alguém que segue catando, juntando e colando pedaços, subtraindo outros, construindo formas (gostos, crenças, modos de ver ou entender o mundo e a própria profissão) sempre diferenciadas e em constante processo de devir.

A fim de problematizar e compreender este processo penso no exercício da cartografia como forma de dar língua e passagem para os afetos (ROLNIK, 2006) que nos acontecem. Assim, tensiono a articulação entre cartografia, bricolagem e visualidade enquanto fator de afetivação, como uma possibilidade de vislumbrar os processos pelos quais vamo-nos tornando quem somos, fazendo o que fazemos, sabendo o que sabemos, enfim, como uma possibilidade de nos (re)conhecermos em nossas próprias histórias de vida.

Novamente referendada em Rolnik (2006: 65), penso neste *professor/bricolador/cartógrafo*, que para realizar sua intenção “absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de freqüência, linguagem ou estilo” e assim, tal qual o bricolador, vai se aproximando de tudo o que encontra pelo

caminho, daquilo que se lembra e também daquilo que desperta seus fatores de afetivação. Neste processo o agenciamento provocado pelas visualidades

acionam um processo de mediação entre percepção, pensamento e realidade externa. A percepção excita, modera e/ou reprime o trânsito de idéias, imagens, representações e experiências vividas. O pensamento, de maneira multidirecional, processa desejos, ansiedades, afetos, libidos auditivas e visuais que criam relações entre subjetividades individuais e comportamentos coletivos possibilitando uma construção social da compreensão dessas mediações. A realidade externa é uma espécie de cosmos sensorial, fluído e flutuante onde identidades, valores e crenças são representados, expostos parcialmente e ambientados através de preferências, discordâncias, conflitos e contradições. (MARTINS, 2009: 3722)

Em busca de compreender esses processos de negociação, trânsito e interpenetração suscitados pelo contato com as visualidades que nos povoam, interpelam e nos produzem enquanto sujeitos singulares (GALLO, 2010), lanço as questões abordadas ao longo desta escrita no sentido de tentar entendê-las, potencializando também o conhecimento que tenho de mim, do outro e por sua vez do campo da formação docente em artes visuais, inventando para ela novos possíveis, caso contrário, ela sufoca<sup>5</sup>! Deste modo, quem sabe, movimentamo-nos a fim de problematizar e acionar novas formas de habitar estes lugares da educação.

<sup>1</sup>Subtítulo inspirado na fala do personagem Riobaldo da obra literária “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa.

<sup>2</sup> Pesquisa realizada sob orientação da Profª Drª Marilda Oliveira de Oliveira, com dissertação intitulada “Narrativas fílmicas e educação das artes visuais – percursos, afetos e bricolagens na formação inicial do professor”. A investigação contou com financiamento CAPES.

<sup>3</sup> Subtítulo inspirado na música “A ilusão da casa”, de Vítor Ramil.

<sup>4</sup> O conceito de bricolagem empregado na pesquisa é re-elaborado e ampliado a partir das concepções de Kincheloe e Berry (2007:17), que a definem como um processo “que envolve construção, reconstrução, diagnóstico conceitual, negociação e readaptação” e que, por sua vez potencializa a ascensão de algo novo, diferenciado. Que se perfaz por meio de produções, mas também ante a incidência de dilaceramentos, como um processo contínuo marcado por territorializações e desterritorializações.

<sup>5</sup> Parafraseando o dito por Foucault (apud Deleuze, 1992:131): “um pouco de possível, senão eu sufoco...”

## Referências

CALCANHOTTO, Adriana. **Por que você faz cinema?** Disponível em <http://www.vagalume.com.br/adriana-calcanhoto/por-que-voce-faz-cinema.html>. Acesso em 27 de outubro de 2010.

GALLO, Silvio. **Eu, o outro e tantos outros:** educação, alteridade e filosofia da diferença. Disponível em: [http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso\\_trabalhosII/palestras/Gallo.pdf](http://www.grupalfa.com.br/arquivos/Congresso_trabalhosII/palestras/Gallo.pdf). Acesso em 27 de outubro de 2010.

---

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992

HERNÁNDEZ, Fernando. La Investigación Basada en Las Artes: propuestas para repensar la investigación en educación. Barcelona: **Educatio Siglo XXI**, nº 26, 2008, pp. 85-118.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Oficina sobre IBA**. Montenegro, FUNDARTE, outubro de 2008a. Seminário Nacional de Pesquisa em Arte.

KINCHELOE, Joe; BERRY, Kathleen. **Pesquisa em educação: conceituando a bricolagem**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINS, Raimundo. **Visualidade e Educação**. Coleção Desenredos. Goiânia: FUNAPE, 2008.

MARTINS, Raimundo. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2007. p.19-40.

MARTINS, Raimundo. Implicações da idéia de crise para a compreensão da experiência visual. In: **Anais** do 18º Encontro Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas. Salvador: 2009. pp. 3715-3725.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Pesquisa narrativa: concepções, práticas e indagações. In: **Anais do II Congresso de Educação, Arte e Cultura -CEAC**. Santa Maria: 2009. pp. 1-12.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Ed. UFRGS, 2006.

TAVIN, Kevin. Contextualizando visualidades no cotidiano: problemas e possibilidades do ensino da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2009. pp. 225- 239.

### **Aline Nunes da Rosa**

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Arte e Cultura Visual/PPGACV, da FAV/UFG, linha de pesquisa 'Culturas da imagem e processos de mediação'. Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação (PPGE/CE/UFSM), da Universidade Federal de Santa Maria-RS. Bacharel e Licenciada em Artes Visuais pela mesma instituição. [ameline.nr@gmail.com](mailto:ameline.nr@gmail.com)

### **Alice Fátima Martins**

Pós-Doutora pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea (UFRJ). Doutora em Sociologia (UnB). Mestre em Educação (UnB). Tem pesquisado e publicado sobre temas relativos ao ensino de arte em contextos de educação formal e educação não-formal, e outras questões relativas aos Estudos Culturais, priorizando as relações entre cinema e cultura visual, no contexto da cultura contemporânea. [profalice2fm@gmail.com](mailto:profalice2fm@gmail.com)